

Lula 2018: Conquista da Hegemonia e Disputa Programática | Fernando Pires

25/09/2017



A bem-sucedida caravana do presidente [Lula](#) pelo Nordeste

tem servido como uma dose de ânimo para a [militância](#) petista e do campo democrático-popular. Isto, após um período de grandes derrotas estratégicas desde o [Golpe](#) Parlamentar que destituiu a presidenta eleita, [Dilma Rousseff](#).

A região que mais sofreu com décadas de consolidação das desigualdades regionais no país, é, sem dúvidas, o lugar onde mais são evidentes os avanços e conquistas dos governos [Lula](#) e Dilma, apesar de suas limitações.

O reflexo das políticas de inclusão social e combate à miséria pode ser visto no olhar da classe trabalhadora de frente a Luiz Inácio Lula da Silva. E isso nos mostra o quão imprescindível é a defesa de sua inocência, bem como do seu direito de pleitear as próximas eleições, nessa conjuntura de retrocessos, avanço da agenda neoliberal e rompimento com o Estado Democrático de Direito.

Pode-se dizer que nenhum outro líder popular, neste momento, possui o mesmo potencial de conquistar corações e mentes, como o primeiro operário a presidir a República.

No entanto, a presença de figuras conhecidas da velha [cultura](#) política no mesmo palanque do pré-candidato, concomitante às suas últimas declarações sobre a política de alianças, deixa nítido que existem interesses antagônicos em torno do programa a ser apresentado nas possíveis eleições de 2018.

Com isso, é central que a militância do socialismo petista tenha a compreensão de que, ao mesmo tempo em que a candidatura de Lula tem de ser um ato de intensa disputa da hegemonia, isto é, de sedução e conquista de brasileiros e brasileiras para o nosso projeto, deve-se constituir ainda pela disputa programática, de modo a não repetir os erros do passado.

Partindo das lições históricas advindas da experiência do ciclo democrático-popular, bruscamente interrompido por um golpe de estado, e sob a ótica do socialismo democrático, se faz mais do que necessária a defesa de um programa que esteja à altura dos desafios que a ofensiva neoliberal tem imposto aos setores progressistas e, sobretudo, à classe trabalhadora.

Logo, diante de tal batalha, é essencial que a militância se aproprie do [Plano Popular de Emergência](#), fruto de nossos acúmulos na [Frente Brasil Popular](#), para que este se torne um importante instrumento visando impedir que as candidaturas do nosso campo sejam raptadas por intenções que não sejam a retomada do Estado Democrático de Direito, a revogação dos ataques do [governo golpista](#) ao povo e ao patrimônio nacional e a abertura de caminho para a construção de um novo modelo de democracia, participativa e popular.

A retomada da democracia no Brasil, porém, não pode esperar por 2018. Com o entendimento da urgência em que é colocada a retomada do poder pelo nosso campo, para que se possa desfazer as medidas neoliberais impostas por um governo sem legitimidade e devolver ao povo a possibilidade de sonhar, a saída que se apresenta passa necessariamente por uma campanha massiva para que se restabeleça ao povo o direito de decidir os rumos do país. Portanto, [Fora Temer](#) e [Diretas Já!](#)

Por **Fernando Andrade Pires**, estudante de comunicação social na UFRN e militante da Frente Brasil Popular, originalmente publicado no [Tribuna de Debates do PT](#).

Compartilhe nas redes: